



## O PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

**Eveline da Silva Gontijo Moreira<sup>1</sup>**  
**Luciene Lima de Assis Pires<sup>2</sup>, Paulo Henrique de Souza<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás- Câmpus Jataí/ e-mail: evelinegmoreira@gmail.com

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás- Câmpus Jataí/ e-mail: lucieneapires@gmail.com

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás- Câmpus Jataí/ e-mail: phsouzas@gmail.com

### Resumo:

Com o intuito de compreender o processo de ensino e aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o presente artigo discorre sobre o acompanhamento de uma aluna de uma escola da rede municipal de Rio Verde-GO e trata aspectos peculiares da prática pedagógica desta modalidade de ensino. Para a consecução da sistematização e organização das informações a respeito do objeto de estudo, utilizou-se pesquisa bibliográfica com a metodologia estudo de caso, de abordagem qualitativa e como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Verificou-se que a EJA representa uma oportunidade, uma perspectiva de melhoria das condições de vida. Especificamente, acredita-se que os benefícios advindos do processo de escolarização resultem em ganhos profissionais. Concluiu-se que ensinar e aprender envolvem um processo coletivo de troca de experiências. A necessidade de inserção no mundo letrado torna-se cada vez mais urgente para aqueles que por circunstâncias adversas, tiveram que abandonar os estudos. Tornar possível que indivíduos estejam aptos a ler e entender as diferentes mensagens que o mundo os possibilita conhecer, é tarefa não apenas de alguns poucos educadores.

**Palavras-chave:** Prática pedagógica. Desempenho escolar. Educação de Jovens e Adultos.

### Introdução

Com o intuito de compreender o processo de ensino e aprendizagem da EJA, o presente artigo discorre sobre o acompanhamento de uma aluna e trata aspectos peculiares da prática pedagógica desta modalidade de ensino. Visto que a sociedade contemporânea é marcada pelas questões sociais e estas envolvem o trabalho, o mercado e a economia compete ao adulto inserir-se nesse contexto, estando apto a participar da vida coletiva de sua comunidade, fato este que exige conhecimentos básicos imprescindíveis, como o domínio de conhecimentos específicos à escolarização.

Um adulto que não compreende o mundo letrado enfrenta sérias restrições de participação na vida social. A EJA é uma modalidade da Educação Básica nas etapas do ensino fundamental e médio. Em 10/05/2000 foi aprovado pelo Conselho de Educação Básica - CEB o documento que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA e prevê que a modalidade de ensino

deve ter função reparadora, equalizadora e qualificadora. Reparadora, no sentido de reparar e restaurar o direito à educação que todo cidadão tem, independente da idade ou da condição social; reparado esse direito, chega-se a função equalizadora que visa uma redistribuição de igualdade de oportunidades, pois o processo deverá propiciar novas inserções no mercado de trabalho. Finalmente, a função qualificadora visa capacitar o aluno, por seu retorno à escola, aumentando suas oportunidades no mercado de trabalho e auxiliando na sua auto-estima. (KRUMMENAUER; COSTA; SILVEIRA, 2010, p. 70)

Assim, a modalidade de ensino da EJA representa uma perspectiva de resgate das oportunidades não alcançadas ou ignoradas bem como a possibilidade de participar efetivamente, enquanto sujeito social, do exercício da cidadania.

A abordagem qualitativa da pesquisa se baseia, segundo Triviños (2015, p. 137) em conceber que” [...] o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente [...]”. Quanto à tipologia da pesquisa, realizamos estudo de caso. Para Triviños (2015) esse tipo de pesquisa tem como objeto uma unidade, onde aspectos específicos são analisados com profundidade e cujo objetivo é a compreensão de todos os seus pormenores. Quanto ao instrumento de coleta de dados, o uso de entrevista se justifica pela possibilidade de diálogo que ela estabelece. Gerhardt e Silveira (2009, p. 72) afirmam que a entrevista “constitui uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. Utilizamos a entrevista semiestruturada, conforme Gerhardt e Silveira (2009, p.72), “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.”

A educação, estruturada por meio de atitudes científicas, é essencial ao homem e deve ser concebida como um processo global e dinâmico. Constitui uma atividade essencial ao desenvolvimento social, político e econômico, capaz de auxiliar o homem na conquista de seus objetivos, desenvolvendo-o integralmente. A justificativa de tal estudo está em considerarmos

o trabalho docente e o modo como se articula na modalidade EJA como uma prática relevante já que formam-se indivíduos com capacidades e habilidades para atuarem nos diversos segmentos sociais.

Assim, de modo planejado e sistematizado, o professor deve contribuir favoravelmente para o desenvolvimento do educando. Não é o fato de o ambiente das aulas ser destinado a EJA que a prática pedagógica possa ser realizada sem planejamento prévio, sem formulação de objetivos, sem utilização de metodologias e recursos atrativos, meramente para cumprir exigências do sistema educativo. Neste sentido, consolidar uma prática pedagógica que realmente transforme o processo de ensino e de aprendizagem constitui um desafio para os profissionais da educação, já que lidam com fatores externos como o cansaço dos estudantes devido a um dia intenso de trabalho e as dificuldades de aprendizagem que normalmente os alunos da EJA enfrentam, fatores estes que desfavorecem a ocorrência de um processo de ensino e aprendizagem que fomente o desenvolvimento das capacidades individuais dos educandos, integralmente.

### **Modalidade EJA: aspectos pedagógicos e práticos**

A seguir, identificamos a aluna entrevistada e apresentamos a reminiscência de sua trajetória escolar. Tratamos o planejamento e a gestão escolar para atendimento da EJA. Sobretudo, nos atentamos as características da modalidade em estudo, com foco no processo de ensino e de aprendizagem.

### **Anamnese da entrevistada e as características da EJA**

Ao iniciar o acompanhamento de um aluno da EJA da realizou-se dia 2 de março de 2017, uma entrevista com uma aluna devidamente matriculada em uma unidade de ensino pertencente à rede municipal de ensino de Rio Verde-GO, situada em um bairro periférico da cidade, do turno noturno. A aluna identificada com o pseudônimo Pitaya, possui trinta e um anos de idade, trabalha como empregada doméstica, é solteira, e não tem filhos. Natural do interior do Tocantins, estudou até aos catorze anos e antes de completar o ensino fundamental II (5ª a 8ª série) desistiu de estudar. Em sua fala, a aluna explicita que essa decisão foi “errada e precipitada”, pois na época morava com os pais e tinha oportunidade de estudar porém considerava desnecessário. Depois de 15 anos sem estudar, ingressou-se na EJA e cursou o 6º e 7º anos, mas devido as dificuldades de conciliar o trabalho com os estudos – porque, segundo

ela, chegava cansada e/ou não podia se dedicar aos estudos –, mais uma vez parou de estudar permanecendo fora da escola por dois anos.

Fica explícito nas declarações da aluna que nesse período, estudar era um plano a ser adiado e que as dificuldades cotidianas dificultavam o seu retorno a escola. Infere-se que a educação era nesse contexto, dissociada das atividades cotidianas da aluna a ponto de não lhe inquietar a busca pelo conhecimento e não vislumbrar na educação uma perspectiva de liberdade, como pontua Freire (2003) ao afirmar que a educação deve constituir uma tentativa incessante de mudança de atitude e a consecução de tal objetivo só é possível se a educação estiver vinculada à vida do educando. Ao conceber a educação como forma de humanização, Freire (2005) esclarece que o papel do professor é dialogar com o aluno sobre a visão de mundo que ambos possuem e salienta ainda a importância de que o professor seja compreendido abolindo o discurso alienado e alienante, presente muitas vezes no contexto educativo.

Em contrapartida, a medida que os anos foram passando Pitaya percebeu a necessidade de estudar para melhorar as condições de vida, inclusive profissionalmente e pontua: “o estudo é uma coisa que a gente precisa ter e isso ninguém tira” (PITAYA, 2017). Motivada, retornou à escola em 2017 e está cursando o 8º ano e segundo suas declarações pretende concluir os estudos.

Pitaya atribui à dificuldade de relacionar em sala com colegas bem mais jovens e à disciplina de Matemática os principais entraves para prosseguir os estudos. Pontua que a disciplina de Matemática, desde os anos iniciais de sua alfabetização, sempre foi um impeditivo para a consecução de resultados satisfatórios da aprendizagem. Dowbor (2008) ao discorrer sobre a forma que os indivíduos aprendem alerta que as diferentes experiências que os sujeitos vivenciam (olhar, tocar, falar e a relação com os objetos e pessoas) estão vinculadas à sua maneira de aprender. Neste sentido, considerando as dificuldades que a aluna apresenta na disciplina de Matemática, Weschenfelder (2003) ao propor caminhos no campo da matematização, lança a necessidade de construção de processos de ensino e de aprendizagem vinculadas ao cotidiano dos educandos, pressupondo assim que o educando participe desse processo por meio de ação dialógica com o professor a fim de ressignificar a prática pedagógica.

Ao atuarem na formação de jovens e adultos, os professores devem valorizar as suas próprias experiências pessoais e culturais bem como a de seus alunos, a fim de tornar o ensino mais relevante e significativo, conforme Kooro e Lopes (2007) afirmam que “[...] isto possibilita um maior conhecimento sobre a realidade, sobre a cultura, sobre a sociedade e sobre si próprios, aumentando a autoconfiança, o senso crítico e a capacidade de julgamento de cada

um” (KOORO; LOPES, 2007, p. 02).

Quando indagada a respeito do curso de EJA, a aluna afirma que por ser uma turma com alunos de idades distintas (há aqueles bem jovens e outros de mais idade) ela acredita que os mais jovens ainda não perceberam a importância de estudar e vão à escola muitas vezes “para brincar”, atrapalhando o rendimento dos mais velhos que além de estarem convictos da necessidade e da importância de estudar, também possuem dificuldades para aprender. A aluna entrevistada sugere ainda que os alunos da EJA sejam agrupados por idade, mas desconhece essa possibilidade, pois a equipe pedagógica e alunos não dialogam sobre. Freire (2003, p. 93) esclarece que “não há nada que mais contradiga e comprometa a emergência popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação [...]”. Os alunos de mais idade que se sentem prejudicados não levantam a questão porque temem a retaliação dos colegas mais novos. A aluna afirmou ainda que os professores repreendem verbalmente os alunos que atrapalham o desenvolvimento das aulas, mas não resolve. Fato curioso se considerarmos que os educandos são jovens e adultos, pessoas capazes de desenvolver o diálogo, a consciência crítica e a democracia. Assim,

a postura dialógica assumida pelo educador na relação com o educando possibilita que ambos se exercitem na construção de um vínculo pedagógico respeitoso e cria espaço para que cada um se mostre como realmente é. Tal vínculo possibilita ao educando mostrar suas fragilidades sem ter medo que elas sejam utilizadas contra si. Possibilita ao educador o aprendizado de não fazer uso do poder que tem, de forma indevida, como instrumento de manipulação e opressão do outro. (DOWBOR, 2008, p. 74)

Quando solicitada a discorrer sobre a disciplina que tem mais dificuldades, Pitaya declarou que embora a professora seja clara ao ensinar e sempre disposta a esclarecer dúvidas, suas dificuldades em resolver as operações e interpretar situações problemas dificultam a aquisição dos conhecimentos matemáticos. O trabalho docente não deve apenas ser caracterizado pela disposição em sanar dúvidas pois conforme Oliveira et al, (2010, 145) afirmam “o docente deve investigar a maneira que seus alunos produzem conhecimentos, trabalhar com os conhecimentos que esses alunos já têm e levar em consideração como eles desenvolvem suas lógicas, quais são suas estratégias e táticas de resolver situações e desafios”. A aluna declarou que conta com o auxílio de uma tia (com mais estudo, segundo ela) para realizar as tarefas de casa e estudar para a prova. Percebe-se que em detrimento do grau de parentesco, o fato de contar com o auxílio da tia está intimamente ligado a Pitaya inferir que a

mesma dispõe de conhecimentos para ajudá-la em suas dificuldades escolares. A condição do indivíduo de participar da vida social neste caso, dispondo de conhecimentos acadêmicos, aponta conforme Oliveira; et al (2010) que para exercer a cidadania, é necessário além de outros conhecimentos também dispor de conhecimentos matemáticos (calcular, medir, tratar informações estatisticamente, etc), porém ao considerarmos o processo de ensino e aprendizagem e os conhecimentos prévios que os alunos dispõem é preciso ter bem claro que

sem fazer a ligação entre a base que trazem e o conhecimento que vão adquirir, é impossível que a matemática desempenhe, equilibradamente e indiscutivelmente, seu papel na formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento, na agilização do raciocínio dedutivo do aluno, na sua aplicação a problemas em situações da vida cotidiana e em atividades do mundo do trabalho e no apoio à construção de conhecimentos em outras áreas curriculares. (OLIVEIRA; et al, 2010, 161)

Quando questionada a respeito do tempo que dedica aos estudos, retomando assim conteúdos a fim de fixá-los ou sanar dúvidas, bem como para realizar atividades extraclasse, Pitaya declarou que se dedica aos finais de semana ou depois que chega do trabalho, no período vespertino. Conciliar trabalho, estudo e demais atividades que um adulto realiza cotidianamente constitui um desafio. Assim, a dedicação aos estudos acaba ficando comprometida e neste sentido, a EJA comporta maiores dificuldades que a educação infantil pois

o fato de o adulto enfrentar uma cansativa jornada de trabalho durante o dia, a pouca disponibilidade de tempo para as atividades complementares, a ausência da aplicação do conhecimento escolar nas atividades do trabalho seriam a causa da grande evasão, dos problemas de aprendizagem e do precário rendimento na educação de jovens e adultos. Essas dificuldades não devem ser causa de abandono da atividade, mas um forte desafio para a sua continuidade. (SARAIVA, 2004, p.77)

A representação que a aluna possui da escola é de um lugar ótimo e agora ela gosta de estudar. Quanto a EJA, a aluna declarou que para alcançar o êxito é preciso prestar muita atenção às aulas. Os professores são bons, explicam bem o conteúdo. Afirmou ainda que está muito satisfeita na escola e motivada a prosseguir.

## **O trabalho docente e o modo como se articula na modalidade EJA**

Ao realizar o acompanhamento das atividades realizadas da EJA, realizou-se no dia 19 de Abril de 2017, a segunda entrevista com a aluna identificada com o pseudônimo Pitaya. Os assuntos inerentes ao cotidiano escolar foram abordados informalmente com intuito de compreender e avaliar os desdobramentos que a prática pedagógica propõe. Freire (2003), autor

que expõe com propriedade o método de alfabetização de adultos de maneira minuciosa e contextualizada, critica a educação tradicional e aponta a necessidade de uma educação voltada para a decisão, onde o diálogo constante com o outro, constitua objeto de constantes revisões a fim de alcançar mudanças. Assim, Freire (2003) propõe uma educação conscientizadora, democrática, que acredite no homem como elemento imprescindível para a discussão, trabalho e transformação da realidade.

Weschenfelder (2003) salienta que a teoria e a prática são aspectos indissociáveis. A autora alerta que a implementação e efetivação de práticas pedagógicas críticas, contextualizadas e significativas são resultado de uma constante reflexão da teoria e prática. Neste sentido, refletir sobre a prática pedagógica (essência da metodologia) é indispensável para que o processo de ensino e aprendizagem seja construído, ressignificado e qualificado.

Quando indagada sobre quais expectativas a aluna tinha em relação à EJA e quais se confirmaram, a aluna afirmou que o retorno às aulas representava oportunidade de concluir os estudos e que tem percebido que conseguirá alcançar o objetivo proposto já que as dificuldades que apresentava anteriormente têm sido amenizadas. Em relação as dificuldades que encontrou para prosseguir o estudo e como tentou superá-las, Pitaya afirmou que a maior dificuldade está em conciliar o trabalho e os estudos mas que tem se esforçado para não permitir que o cansaço a desmotive. Quanto as dificuldades anteriores por ela mencionada, se referem a complexidade da disciplina de Matemática e a dificuldade sobretudo, de compreensão dos conceitos matemáticos e que tem tentado superar essas dificuldades, dedicando-se com afinco aos estudos. Kooro; Lopes (2007, p.2) ao se referirem aos educadores matemáticos que atuam na educação de jovens e adultos, pontuam que os mesmos

devem perceber a Matemática como uma ciência sócio-historicamente construída e socializar essa concepção com os alunos. Vislumbrar essa Educação Matemática que considere e valorize as experiências pessoais e culturais do professor e dos alunos como fatores extremamente importantes, a fim de tornar o ensino dessa disciplina mais relevante e significativo para ambos (p. 2).

No momento em que foi solicitada pela entrevistadora a avaliar os professores (anteriores e atuais) e suas respectivas metodologias, Pitaya declarou que os professores são bons que explicam com clareza e são solícitos no que diz respeito a esclarecer suas dúvidas. Ao ser questionada se em sua trajetória escolar houve a ocorrência de problemas com algum professor ou se algum teria a marcado de forma negativa, a entrevistada afirmou que nunca teve nenhum problema e portanto sua avaliação a respeito dos professores é positiva. Quanto a

metodologia dos professores, Pitaya declarou gostar mais daqueles que expõem oralmente o conteúdo e acredita que a aprendizagem seja mais satisfatória quando o professor apresenta primeiro o conteúdo em detrimento daqueles que solicitam pesquisa prévia. Quando indagada sobre as suas razões, afirmou ter dificuldade para efetuar as pesquisas pois além de não dispor de muito tempo, não possui computador em casa e seu acesso à internet acontece em locais especializados com máquinas alugadas.

Durante o relato de como se saiu nas avaliações já realizadas, Pitaya declarou que suas notas são medianas e que sobretudo, em Matemática o resultado não é tão satisfatório embora considere que tem se dedicado com afinco e que os resultados são melhores do que os anteriores. Relatou ainda que em algumas situações, os professores realizam a leitura e explicação de questões avaliativas e que chegam até apontar erros, permitindo a autocorreção do aluno. Quando solicitada que descrevesse os critérios de avaliação adotados pelos professores, Pitaya declarou que além de atividades avaliativas bimestrais escritas, os alunos são avaliados por assiduidade, participação, comportamento e organização dos cadernos. Por se tratar de itens não paramétricos os quais estão subordinados à concepções individuais de quem avalia, a entrevistada foi questionada sobre sua opinião a respeito dos critérios avaliativos e declarou que os considera bons e justos, já que aqueles colegas que não correspondem ao esperado pelos professores são penalizados. Questionada ainda se essa penalização por não corresponder aos critérios resulta em mudança de comportamento por parte desses colegas, Pitaya declarou que nem sempre isso ocorre. Mariotti (2000) declara que nossa cultura tenta perpetuar a manipulação das pessoas e se apropriar do processo de democracia como uma forma de poder. Assim, alunos devem ser submissos (porque é a submissão que legitima o poder), a maneira e autoridade dos que detêm o poder, nesse caso, são os professores quem detêm o poder de “dar” a nota ao aluno, conforme a sua submissão ou não às regras e condições impostas subjetivamente pelo professor. Outro aspecto que merece destaque segundo Mariotti (2000) é o fato de tratar todos como iguais, não no sentido de igualdade de direitos mas em termos de padronização, impondo que todos devem apresentar um comportamento fixo e pensamento unificado.

Pitaya não apresentou nenhuma sugestão metodológica e avaliativa a respeito do trabalho de seus professores. Afirma estar satisfeita e que acredita que os professores detêm o conhecimento necessário sobre a melhor forma de ensinar e avaliar, já que estudaram para o exercício da profissão. Paulo Freire (2005) em sua obra *Pedagogia do oprimido* trata a importância da práxis dialógica a fim de orientar ação educativa e salienta que o método da



dialogicidade ganha importância quando se concede aos participantes do processo de ensino e aprendizagem a liberdade de expressão. Neste sentido, podemos inferir que no contexto relatado pela entrevistada, o aluno não é consultado à expressar sua percepção da realidade e conforme sintetiza Freire (2005) o sistema educacional a que está inserida, dissemina a opressão.

A entrevistada declarou que tem se esforçado para revisar constantemente o conteúdo não deixando para estudar nas vésperas ou dia das avaliações e que o fato de contar com o auxílio da tia nas questões que apresenta mais dificuldade, tem a auxiliado bastante. Quando solicitada que descrevesse os seus momentos de estudo, a aluna disse que esses acontecem logo após o trabalho (pouco antes do horário de aula) e finais de semana.

### **Os desdobramentos do processo de ensino e aprendizagem da EJA**

Com o objetivo de finalizar o acompanhamento das atividades realizadas por um aluno da EJA, realizou-se no dia 29 de maio de 2017, a última entrevista. A aluna declarou que este semestre foi muito significativo para ela pois tem percebido a cada dia que os estudos apresenta uma perspectiva de aprimoramento pessoal e sobretudo, profissional. Embora houvesse momentos em que a entrevistada pelo cansaço laboral pensasse em desistir, declarou ainda que os conhecimentos adquiridos tem lhe tornado uma pessoa melhor. Pitaya relatou que o acontecimento marcante deste semestre é que por ser pessoa bastante introvertida, jamais se imaginava realizando uma leitura audível em sala de aula porque temia ser criticada principalmente pelos colegas e que nestes últimos meses, conseguiu vencer mais essa dificuldade.

Descreveu ainda que melhorando sua capacidade leitora está conseguindo também compreender melhor as situações-problema que outrora tinha tanta dificuldade e que sua escrita também tem sido aprimorada. Comentou ainda que os professores deste semestre a motivam afirmando que todos estão na escola para aprender. O fato de apenas no oitavo ano do ensino fundamental a aluna conseguir superar suas dificuldades de expressão é bastante intrigante. Considerando que esta aluna passou por um longo período de escolarização nos faz refletir porque ser este o dado momento de superação da dificuldade de pronunciar publicamente. Permite-nos refletir se as questões de superação são intrínsecas (amadurecimento, por exemplo) ou extrínsecas (ambiente foi favorável a superação, professores e colegas atuaram de modo positivo para vencer a dificuldade) bem como reforça que a relação pedagógica professor-aluno,

normalmente determinada pela escola e pela prática docente “está muito centrada no desenvolvimento do currículo e não ocorre de uma forma dialogada. Desse modo, a atuação profissional dos professores está condicionada pelo papel que lhe é atribuído no desenvolvimento do currículo” (KOORO; LOPES, 2007, p. 01).

Se o trabalho pedagógico se restringir apenas ao ensino das disciplinas curriculares e desconsiderar as particularidades do educando, a superação das dificuldades poderá não ocorrer. Considerando o indivíduo em sua totalidade, conseqüentemente teremos um processo de ensino e aprendizagem comprometido. Conforme alerta Budel, Guimarães (2005, p. 07) para o desenvolvimento de novas práticas de ensino aplicáveis para a EJA “o educador necessita conhecer um pouco da realidade dos alunos, estudarem os conteúdos propostos, pensar nas especificidades dos educandos em relação à sua faixa e propor conteúdos que estimulem e sejam motivadores”.

Pitaya relatou ainda que sua maior dificuldade em relação aos conteúdos de Matemática foi em entender porcentagem. Para entender, a retomada do conteúdo pela professora bem como o auxílio de colegas e sua dedicação aos estudos foi imprescindível. Afirmou ainda que ingressa no nono ano mais confiante e com menos dificuldades.

A aluna afirmou que teve muitas dificuldades na última avaliação de Ciências. A prova foi extensa e embora a professora tenha lido e a mesma ter sido realizada por meio de consulta ao material estudado, as incertezas do resultado obtido têm a deixado aflita pois até a presente dada a professora não havia apresentado os resultados da avaliação. A aluna ainda declarou que não teve acesso a nenhuma média bimestral neste semestre. Considerando que a avaliação ocupa, sem dúvida espaço relevante no conjunto das práticas pedagógicas aplicadas ao processo de ensino e aprendizagem, a demora na consolidação dos resultados deixa de oferecer ao professor oportunidade de verificar uma das funções gerais da avaliação que é a de fornecer as bases para o planejamento e nos induz a pensar que avaliar, neste contexto, está simplesmente em atribuir notas.

Com intuito de melhor compreender a organização escolar e a modalidade de ensino em acompanhamento, entrevistamos também o coordenador pedagógico da unidade escolar. Quanto a organização da escola para receber os alunos da EJA, o coordenador salientou que a escola atende no período diurno a modalidade de ensino regular do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e que no período noturno atende o ensino fundamental I (1º ao 5º ano- duas salas multiseriadas) e ensino fundamental II (cinco salas do 6º ao 9º ano) na modalidade EJA.

Quanto ao quantitativo de alunos que a unidade escolar atende na modalidade EJA, o

coordenador pedagógico afirmou que inicialmente tinham mais de 200 alunos matriculados mas que existem pouco mais que 70 alunos frequentes. Quando questionado a respeito das ações para minimizar a evasão escolar, o coordenador pedagógico afirmou que a equipe diretiva e professores planejam projetos de leitura, escrita para motivar a participação dos alunos e que uma vez por semestre realiza em um fim de semana na quadra da escola uma gincana esportiva para estimular a frequência e participação dos alunos, porém não há a consecução dos resultados esperados. O coordenador pedagógico salientou ainda que a causa maior de evasão dos alunos da EJA é por motivo de trabalho pois

em geral, os alunos têm pouco tempo de estudo e muitas responsabilidades financeiras e familiares, sendo a grande maioria trabalhadora e responsável pelo sustento de sua família. Sua rotina é cansativa e a falta de motivação desses estudantes também está relacionada com o grande sentimento de culpa, vergonha por não ter concluído seus estudos na época oportuna (BUDEL; GUIMARÃES, 2005, p. 02)

Ao tratarmos sobre o currículo da EJA, o coordenador salientou que se trata de uma matriz curricular mais condensada em que os conteúdos essenciais são priorizados pois visam atender

as expectativas dos alunos giram em torno da valorização profissional e da ampliação de conhecimentos. As principais vantagens mencionadas pelos alunos quanto a esse tipo de curso são: a rapidez, o enxugamento de conteúdos e a ampliação da visão do mundo, ligada ao pensar e agir diferente e à realização profissional (PICONEZ, 2002, p. 36)

Ao discorrer sobre o perfil dos docentes e suas experiências profissionais, o coordenador declarou que os professores da EJA são todos efetivos, com experiência de mais de 10 anos na modalidade de ensino e que na maioria das vezes, ministrar aulas na EJA é uma oportunidade de complementação de carga horária e infere que devido a jornada exaustiva desses professores, as aulas não são tão atrativas quanto no ensino regular.

O coordenador pedagógico atua no ensino regular e destacou que a gestão da sala de aula é diferenciada no que diz respeito ao tratamento com crianças e adultos. Na EJA as atividades devem ser de curto prazo e o desinteresse por atividades lúdicas é bastante veemente. Os alunos da EJA preferem aulas tradicionais e encantá-los com práticas pedagógicas diversificadas é difícil, embora o professor se esforce em planejá-las.

Ao analisar essa questão de planejamento das aulas diversificadas e atrativas, infiro que ministrar aulas mais tradicionais seja mais fácil para o professor que trabalha exaustivamente e talvez a não aceitação dos jovens e adultos esteja na própria criticidade, experiências e opiniões

divergentes que dispõem. Para evitar a fadiga, professor se detém ao ensino tradicional e alunos se contentam com o que lhes é oferecido. Pitaya no momento inicial das entrevistas também declarou sua preferência por aulas tradicionais.

A proposta metodológica para auxiliar a aluna acompanhada durante este semestre a sanar suas dificuldades está em apenas promover situações em que a mesma se sinta valorizada e suas particularidades consideradas. O que podemos perceber é que temos alunos que por questões adversas tiveram que abandonar os estudos e possuem dificuldades provenientes da defasagem idade/série, além disso, dispõem de professores exaustos, desvalorizados social e financeiramente. Temos então para além das questões metodológicas e pedagógicas, conforme esclarece Machado (2010), um problema de política pública. Não podemos simplesmente nos convencer de que este é o problema e que não compete a nós buscar a mudança. Machado (2010, p. 255) pontua que “quanto ao enfrentamento da cultura da não escolarização esta é uma tarefa do Estado, mas é também da sociedade civil, da população como um todo”.

Assim, compete a sociedade em geral lutar por seus direitos e aos profissionais da educação entender de que é por meio da educação que a sociedade adquire a capacidade conscientizadora, crítica e argumentativa. Neste sentido, diante do contexto em que a prática educativa está posta é preciso que para atingir o êxito da aprendizagem as aulas sejam planejadas a fim de que a metodologia utilizada aguace a criticidade e o posicionamento dos educandos, levando-os a querer e a buscar o saber.

### **Considerações finais**

Com o intuito de compreender o processo de ensino e aprendizagem da EJA, o acompanhamento de uma aluna desta modalidade de ensino trouxeram à tona aspectos peculiares da prática pedagógica. Aspectos estes que apontam o papel fundamental que o professor exerce no processo de ensino e aprendizagem. Assim, o professor deve contribuir favoravelmente para o desenvolvimento do educando e sua prática pedagógica deve ser pautada sobretudo na teorização da prática pedagógica, bem como na valorização do aluno, no desejo de fazê-lo aprender e utilizar esses conhecimentos em situações cotidianas. Neste sentido, a adoção de uma atitude dialógica entre aquele que planeja (professor) e aquele com quem se executa o planejamento (aluno) é extremamente necessária.

Na EJA como em qualquer outro nível ou modalidade de ensino, os conteúdos não podem ser segmentados e desarticulados, tendo que atender com sensibilidade os casos particulares, não perdendo o foco da totalidade no processo de construção do conhecimento e

para que a prática pedagógica se consolide eficazmente, teoria e prática constituem aspectos indissociáveis que necessitam ser constantemente avaliados. O profissional da educação que não possua uma prática educativa que promova a interação, a participação, o envolvimento ativo de todos os envolvidos no processo educativo, acaba encontrando dificuldades em atingir seus objetivos e em manter uma organização de ideias e atitudes por parte de seus alunos. Avaliar a prática pedagógica compreende exatamente o objetivo de trazer à luz alguns elementos habituais, examinando a recorrência e o alternar-se dos diferentes tipos de situações de atividades propostas. Neste sentido, a educação deve representar uma perspectiva humanizada de formação, onde a escola seja espaço de diálogo, o aluno coparticipante do processo de aprendizagem e o professor um fomentador de perspectivas de participação efetiva do educando na vida social contemporânea.

É importante manter uma relação dialética entre professor e aluno, pela qual o educador seja capaz de analisar os diversos aspectos que envolvem suas práticas educativas e o aluno se sinta corresponsável pelo seu processo de aprendizagem. Assim, o educador terá possibilidades de realizar uma análise crítica de como desenvolver suas atividades educativas, selecionando conteúdos significativos levando o educando ativamente pelos caminhos do crescimento social, profissional e pessoal. Em consonância, os conteúdos não serão segmentados e desarticulados e atendendo com sensibilidade os casos particulares, o aluno será parte constituinte do processo educativo bem como o foco da totalidade no processo de construção do conhecimento culminará na aquisição de resultados satisfatórios.

Os aspectos aqui analisados deixam entrever a necessidade de que os professores que trabalham na modalidade de ensino EJA, sejam também ouvidos e suas considerações a respeito da prática pedagógica analisadas.

## Referências

BUDEL, Geraldo José; GUIMARÃES, Orliney Maciel. **Ensino de Química na Eja: uma proposta metodológica com abordagem do cotidiano**. Paraná: UFPR, 2005.

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Sonia Lúcia de Carválho e Deise Aparecida Luppi (Orgs.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 57- 74.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org). **Métodos de pesquisa**. Porto

Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KOORO, Méri Bello e LOPES, Celi Espasandin. O conhecimento matemático na educação de jovens e adultos. **Anais 16º Congresso de Leitura do Brasil – COLE**, 2007. Disponível em: [http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/index.htm](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/index.htm) Acesso em 12 dez.2013.

KRUMMENAUER, Wilson Leandro; COSTA, Sayonara Salvador Cabral da, e SILVEIRA Fernando Lang da. **Uma experiência de ensino de física contextualizada para a educação de jovens e adultos**. Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/view/197/438>>. Acesso em 13 dez. 2012.

MACHADO, Maria Margarida. Quando a obrigatoriedade afirma e nega o direito à educação. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 4, n. 7, p. 245-258, jul/dez. 2010.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego**: complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Palas Athena, 2000.

OLIVEIRA, Fernanda Ribeiro Queiroz de, et al. As particularidades do ensino de adultos: experiências na Arte e na Matemática. In: MACHADO, Maria Margarida e OLIVEIRA, João Ferreira de. (Orgs.) **A formação integrada do trabalhador**: desafios de um campo em construção. São Paulo: Xamã, 2010, p. 145- 163.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. A reconstrução de conhecimentos efetuados pelos jovens e adultos pouco escolarizados no processo de educação escolar. In: PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Educação escolar de jovens e adultos**. São Paulo: Papirus, 2002. p. 27-71.

SARAIVA, Irene Skorpuski. **Educação de jovens e adultos**: dialogando sobre aprender e ensinar. Passo Fundo: UPF, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2015.

WESCHENFELDER, Maria Helena. **A matematização da educação de pessoas jovens, adultas e idosas**. Passo Fundo: UPF, 2003. (p. 95-120